

O Fiasco da Política Externa do Governo Temer

Virginia Belinot*

Desde que assumiu de forma ilegítima a presidência do Brasil, Temer tem criado muitos retrocessos, incluindo a Política Externa que aqui será debatido. Já no seu governo interino Temer nomeou José Serra para o cargo de Ministro das Relações Internacionais, seu discurso até então era de resgatar a credibilidade do Brasil no Sistema Internacional, e robustecer a atuação do Brasil no mercado internacional.

Mas o que significava a nomeação de Serra? Primeiro nomeado a essa cadeira em 15 anos com filiação a partido político, o psdbista, é claro, assemelha suas práticas com a agenda do PSDB, ou seja, dá destaque as negociações comerciais e as relações com os países desenvolvidos, enquanto menospreza a relação do Brasil com seus países vizinhos, e abandona uma cooperação econômica e política no eixo Sul-Sul, que indica uma nova geopolítica muito mais alinhada com os Estados Unidos, na qual o desenvolvimento a ser alcançado é o puramente econômico, não existe mais a preocupação multidimensional que víamos no governo Lula, e mais acanhadamente no governo Dilma, com a proposta de uma política externa “ativa e ativa”.

Política essa, conduzida por Celso Amorim, que tinha como princípio a consolidação do Brasil no sistema internacional, através de relações amistosas e de cooperações multilaterais, e nos trouxe muitos ganhos como a UNASUL, por exemplo. No governo Dilma, mesmo com a política externa menos em pauta ainda houve uma aproximação regional na cooperação em defesa com o Conselho de Defesa Sul-Americano (CDS).

Ora, a primeira ação do novo chanceler foi a de lutar com a imagem internacional do processo de impeachment da presidente Dilma, era necessário “vender” a legitimidade do novo governo, pois essa crise atrofia a atuação internacional do Brasil. Então, no âmbito da América do Sul, Serra estava inclinado a abandonar as relações amistosas e usar do “poder imperialista” do país na região para se impor nas relações onde o Brasil teria mais poder. Buscou uma maior liberalização comercial entre os países de Mercosul, e mais flexibilidade

* Graduada em Relações Internacionais, INEST - UFF, virginiabelinot@id.uff.br

do bloco para adquirir acordos com outros país e blocos. Foi possível identificar também uma regressão às relações de subordinação com as grandes potências, especialmente os EUA, e a redução da importância do Brasil como um país que lutava por um sistema internacional menos desigual. O próprio Celso Amorim, um dos nomes mais renomados na diplomacia brasileira, afirma que o atual governo brasileiro não teria credibilidade para influenciar os países da América do Sul (WELLE, 2016).

Serra tenta reproduzir uma lógica dos anos 90, do governo FHC, atualmente, mas o sistema internacional não é mais o mesmo. Ele lança a ideia de um programa “sem ideologia”, mas é claro que tal coisa não existe, carregado de ideologia os discursos e ações de Serra redirecionam a atenção para o eixo Norte-Sul e uma política “americanista”, em nome da “desideologização” ele ignora, focando no econômico, os grandes avanços que o governo Lula realizou na luta contra a fome, diminuição da pobreza e aumento do Estado na saúde, que foram de extrema importância no mundo pós-crise de 2008. E o governo Dilma, mesmo não tendo os mesmos avanços que o governo Lula, não teve retrocessos, e quando foi necessário, mostrou um pulso firme, em questões como o episódio da espionagem estadunidense (NSA), que concedeu ao Brasil uma liderança nas discussões sobre a internet e seu marco civil.

Logo após se estabelecer de maneira mais permanente na liderança do país, mesmo que de maneira ilegítima, Temer foi a ONU realizar o discurso inaugural da Assembleia Geral, cortesia que nos é garantida há 71 sessões, na qual Temer buscou reafirmar a, inexistente, legitimidade do seu governo, o que coloca a soberania nacional em dúvida, afinal aparenta que tal governante está procurando um reconhecimento internacional do seu governo, o que é no mínimo vergonhoso para um país como o Brasil. Além disso, o resto de seu discurso faz jus a feitos como a atuação do Brasil nas Missões de Paz, o aumento da integração na América do Sul, fortalecimento das relações bilaterais com a Argentina, ações a respeito dos refugiados, e outras coisas que não foram realizados pelo seu governo, mas que ele não teve nenhum problema de usar para melhorar sua imagem.

E por fim, discursa sobre sua nova política externa “diplomacia pé no chão”, que nada mais é do que o já debatido realinhamento aos países centrais, que dá prioridade a defesa do liberalismo econômico, apoio as guerras das grandes potências, e ainda alinhamento sobre questões como a luta contra o tráfico, o combate ao terrorismo, e a cereja no bolo dessa diplomacia, é a tentativa de usar a demanda externa para resolver as crises internas. Porém, esse discurso e todo o evento nos Estados Unidos mostraram que existia uma divergência entre Temer e Serra, afinal apontou a Integração regional descartada por Serra como uma preocupação constante do Brasil. Serra nada mais era do que um representante figurativo, que buscava enaltecer sua figura e criar uma imagem interna (com as ações externas), construindo um “homem do Estado” para poder ter uma chance maior de ocupar o cargo da presidência que há tantos anos almeja. A despeito do papel lamentável desempenhado por Serra, ele havia sido de extrema importância para a execução do golpe, ele foi estratégico ao andamento do processo de *impeachment*, e aparentemente Temer estava colhendo os frutos (podres) dessa parceria. Outra prova foi que após a eleição de Donald Trump, o próprio Temer tomou as rédeas da relação bilateral entre os dois países, em uma “diplomacia presiden-

cial”, que era bem característica do governo Lula.

Serra saiu do seu cargo mais tarde em fevereiro de 2017 devido a supostos problemas de saúde, porém não antes de causar desconfortos com várias nações vizinhas, como a Bolívia, Uruguai, Equador e Venezuela, quando quebra os pilares da antiga PEB que visava não interferir em assuntos internos dos outros países. Parece-nos que Serra tinha entrado em uma incansável luta contra o Mercosul, quando tenta impedir que o Uruguai assumira a presidência do mesmo, querendo abrir um caminho para a não tão popular Área de Livre Comércio das Américas (Alca), que nos deixaria completamente a mercê dos EUA, essa aliança tem sido veemente evitada pelo Brasil e a Argentina, exatamente por nos colocar em uma posição de submissão com os EUA. Sem mencionar que toda essa política é extremamente discrepante da contra hegemonia que tentávamos construir com os BRICS.

Serra é substituído por outro psdbista, Aloysio Nunes, até então senador foi escolhido como substituto para o cargo de Ministro das Relações Exteriores. Em seu primeiro pronunciamento como Chanceler, Nunes já nos mostra que também não está apto para o cargo, por outro lado, sua fala condiz perfeitamente com o que se espera de uma Política Externa de um governo golpista, pois esta agradece a todos os amigos que o ajudaram em sua carreira política e promete não os decepcionar. Demonstra também uma falta de conhecimento da atual economia ao alegar que o Brasil começa a sair da crise econômica, quando os dados do próprio IBGE nos demonstram o contrário, com um desemprego recorde. Sua nomeação apenas comprova que o governo golpista não tem como protagonista só o PMDB, cada vez mais tem aumentado a presença constante do PSDB em lugares estratégicos dentro do governo.

Essa nova gestão da PEB, mantém a agenda comercial de matriz neoliberal, o grande impasse agora é que o mundo pós Donald Trump não está favorável a esse tipo de ação, os EUA cada vez mais assume uma postura radical de superpotência, só vista no final da Segunda Guerra Mundial, se fechando e ficando cada vez mais unilateralista. Além disso, ainda passamos por uma crise ideológica liberal, que aumenta a limitação dessa nova diplomacia brasileira, ao em vez disso devíamos estar trabalhando para nos integrar e ser parte ativa, junto a América Latina, desse processo para termos a possibilidade, mesmo que mínima, de influenciá-lo.

Bem, no pouco tempo que Aloysio Nunes está no cargo ele conseguiu afrontar duas das maiores Organizações Internacionais de Direitos Humanos quando lançou uma nota respondendo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (Acnudh) e a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), vinculada à Organização dos Estados Americanos (OEA), inicialmente o Comissário lançou uma nota pedindo que o Governo abrisse um canal de comunicação mais abrangente com os manifestantes que pediam Diretas Já (que foram tratados de forma violenta pelo Estado), e demonstrando que sua posição política interna iria influenciar o seu fazer político externo Nunes responde a nota acusando o Comissário de ser desinformado e tendencioso, e classificando a nota como leviana.

Assim segue o mandato do Governo golpista de Temer, lutando para conseguir reconhecimento, e fazendo uma política externa desastrosa pelo caminho. E como é de se esperar de um governo ilegítimo, o futuro nos é incerto.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Roberto. **Serra e o servilismo na política externa**. Carta Capital, 08/07/2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/internacional/serra-e-o-servilismo-na-politica-externa>>. Acesso em: 05/06/2017.

GRUPO DE REFLEXÃO SOBRE RELAÇÕES INTERNACIONAIS. **O Dissenso de Washington e a política externa de Temer e Serra**. Carta Capital, 08/09/2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-grri/o-dissenso-de-washington-e-a-politica-externa-de-temer-e-serra>> Acesso em: 05/06/2017.

POMEROY, Melissa; WAISBICH, Laura Trajber. **O lugar do Sul na política externa brasileira do governo provisório**. Carta Capital, 19/05/2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-grri/o-lugar-do-sul-na-politica-externa-brasileira-do-governo-provisorio>>. Acesso em: 05/06/2017

REDE LATINA. **José Serra afasta o Brasil da América Latina** . Em 24/05/2016. Disponível em: <<http://redelatinamerica.cartacapital.com.br/jose-serra-afasta-o-brasil-da-america-latina>>. Acesso em: 05/06/2017.

REZENDE, Lucas Pereira. **Descendo a serra da política externa**. Carta Capital, 19/05/2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/descendo-a-serra-da-politica-externa>> Acesso em: 05/06/2017.

WELLE, Deutsche. **“Há contradições em novas diretrizes do Itamaraty”, diz Celso Amorim**. Carta Capital, 17/06/2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/internacional/ha-contradicoes-em-novas-diretrizes-do-itamaraty-diz-celso-amorim>>. Acesso em: 05/06/2017.